

UMA LEITURA SOBRE OS ESPAÇOS PRESENTES NO ROMANCE *MACAU*

Maria Aparecida de Almeida Rego¹
Derivaldo dos Santos²

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura do romance *Macau* (1934), do escritor Aurélio Pinheiro (1882-1938), tendo como categoria analítica o espaço e suas implicações subjetivas e sociais. Tal estudo contribui para uma melhor compreensão sobre os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais da cidade mimetizada na obra. Como aporte teórico recorremos: a) *Espaço e Literatura* (2007), de Ozíris Borges Filho, em que aponta estratégias para estudos críticos do espaço em obras literárias; b) “Espaço físico, espaço social e espaço apropriado”, do sociólogo Pierre Bourdieu (2013), na concepção, segundo a qual os seres humanos são agentes sociais e como tais, uma das maneiras de se constituírem é na sua relação com o espaço; c) *O campo e a cidade* (1989), de Raymond Williams que apresenta um olhar histórico dos contrastes e tensões entre a experiência urbana e a experiência campestre. Foram observados, no romance *Macau*, alguns elementos espaciais que compõem a rotina da cidade, seja a partir do narrador ou de suas personagens. Esses elementos ora revelam uma cidade pacata, ora revelam uma cidade dinâmica, uma vez que diferentes espaços, tantos físicos como sociais, produzem diferentes representações na obra. Ainda, nos foi possível observar um olhar crítico do escritor sobre os espaços de civilização da cidade ao expor uma tensão entre o espaço urbano e o espaço rural.

Palavras-chave: Romance, *Macau*, Espaço, tensão social, modernidade.

1. Introdução:

Muitos romancistas apresentam o espaço como elemento importante e de destaque em suas ficções, alguns desde o título, a exemplo de *O Cortiço* (1890) e *Casa de Pensão* (1884), de Aluísio Azevedo, *O Atheneu* (1888), de Raul Pompeia. Podemos incluir nesse rol o romance *Macau* (1934), de Aurélio Pinheiro (1882-1938), como uma das obras em que o espaço contribui fortemente para as ações das personagens. Este artigo apresenta uma leitura sobre alguns espaços presentes em *Macau*; tal estudo contribui para uma melhor compreensão sobre os aspectos sociais, econômicos,

¹ Doutoranda em Literatura Comparada (PPGEL/UFRN) e professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Natal e da Rede Estadual do Rio Grande do Norte. E-mail: cidinhalettras_ufrn@yahoo.com.br

² Professor de literatura brasileira do Departamento de Letras da UFRN e professor do PPGEL/UFRN, possui doutorado em Teoria Literária pela UFPE e pós doutorado pela UFMG. E-mail: sderivaldo10@gmail.com

políticos e culturais da cidade romanceada e, porque não dizer, uma compreensão crítica do romance.

Várias áreas do conhecimento se debruçam para definir e estudar o espaço: a filosofia, a geografia, a arquitetura, a história, a sociologia, o teatro, dentre outras. Em alguns momentos, os conceitos se aproximam, em outros, se distanciam. No campo ficcional, o espaço se torna um elemento muito caro ao ficcionista, pois é nele que as personagens atuam e as cenas se desenrolam. Desse modo, o ficcionista precisa apresentar cuidadosamente os espaços para que haja verossimilhança no enredo. Por outro lado, o analista literário não deve ver o espaço na ficção apenas como um elemento da narrativa, mas como uma estratégia que o escritor usa para representar os elementos culturais, históricos, sociológicos dentro da trama.

No que diz respeito ao estudo do espaço em uma obra literária, Borges Filho (2007, p. 33) intitula-o como topoanálise. Para o estudioso, “[...] o topoanalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentido criados no espaço pelo narrador”. Nesse entendimento, as questões psicológicas, sociais ou particulares podem ser analisadas com base no espaço em que as personagens se encontram.

Já o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2013, p. 1) afirma que “o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou distinção) das posições que o constituem; isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais”. Em uma narrativa, as personagens podem ser caracterizadas segundo o espaço que ocupam.

Assim, nosso olhar se deterá em apresentar, alicerçado na teia narrativa, os espaços físicos descritos na Macau romanceada apresentada por Aurélio Pinheiro tentando relacioná-los a espaços sociais e de tensões vivenciados pelas personagens.

A Macau do romance tem ligações diretas com a cidade geográfica localizada na região litorânea do estado do Rio Grande do Norte. O que sustenta essa afirmação é o fato de o ficcionista ter residido nessa cidade durante os anos de 1907 a 1910, exercendo ali a profissão de médico e, ainda, o romance apresentar nomes de ruas, bairros e outras localizações presentes na cidade Macau.

É possível que o olhar do clínico tenha se estendido para além das enfermidades, e tenha observado as relações sociais, políticas, econômicas e culturais presentes na cidade, o que possibilitou a escrita do romance 24 anos após sua estadia em Macau, estando naquele momento (1934) no Rio de Janeiro. Mesmo com esse distanciamento temporal e espacial, podemos afirmar que o romance *Macau* representa o que a memória do médico/ficcionista conseguiu guardar e lapidar para transpor aos

leitores, através da natureza ficcional, a geografia e a fisionomia da cidade aludida. Tais pressupostos ampara a afirmação do crítico literário Tarcísio Gurgel (2001) ao defender que a própria cidade seria a personagem principal do romance.

Para a análise a que nos propomos, o texto se compõe de três movimentos: a) os espaços públicos que ajudam a situar geograficamente algumas personagens, bem como suas ações; b) espaços de tensões sociais ao evidenciar que nem sempre os espaços físicos adquiridos correspondem aos espaços de reconhecimento simbólico; c) espaços de tensões modernizadoras que demarcam conflitos entre o urbano e o rural.

2. Espaços públicos

O romance inicia-se com a descrição do trajeto da viagem de navio do Dr. Aluísio, apresentando detalhes do percurso e do cenário até a chegada à Macau:

O vapor da Companhia Baiana de Navegação, que fazia a linha da costa desde São Salvador até Fortaleza, transpunha a tortuosa barra de Natal.

[...] O Dr. Aluísio Fernandes Rodrigues, recém-formado no Recife, de onde viera até Natal na estrada de ferro da Great Western. Na capital do estado, após alguns dias de repouso e de apresentações no mundo político, embarcara para Macau, sua terra de nascimento³ (p. 57-8).

Aqui, o espaço serve para situar a personagem e a cidade geograficamente. A partir desse panorama, o leitor fica ciente dos meios de transporte presentes no Estado (trem e navio) no início do século XX, fazendo ligação entre algumas regiões do país com paradas nas cidades litorâneas, a exemplo de Natal e Macau, deixando e embarcando passageiros e mercadorias. Desse modo, tomamos conhecimento da existência do porto e de todo o aparato para seu funcionamento: marinheiros, viajantes, funcionários, comércio, acesso a produtos de outras regiões do país e a exportação do sal (riqueza natural da região).

No fragmento acima, já observamos o espaço social que Aluísio ocupa, “após alguns dias de repouso [em Natal] e de apresentações no mundo político”. Uma vez que o espaço social é abstrato e constituído por um conjunto de campos econômico,

³ A partir desse ponto, a primeira citação do romance *Macau*, todos os demais fragmentos citados da obra serão identificados apenas pelo número da página, correspondente à edição: PINHEIRO, Aurélio. *Macau*. Natal: EDUFRN, 2000.

intelectual, dentre outros, conforme a perspectiva de Boudieu (2013), os quais Aluísio possuem, a citar a carta de bacharel.

A chegada do novo bacharel era esperada por toda a cidade e, mesmo com as limitadas condições financeiras da família, D. Anunciada (mãe do recém-formado) não hesita em solicitar apoio aos vizinhos e amigos para organizar a recepção para o filho. Esse evento, em muitas sociedades, funciona como um ritual de acolhida e é bastante significativo – a cidade recebe o filho que regressa com instrução para servi-la, o que representa, para alguns, uma atitude cívica. É o que descreve o narrador ainda no início da narrativa, em que sua lente de visão é ampliada para apresentar ao leitor uma manhã de domingo de uma cidade interiorana:

Eram oito horas da manhã de um límpido, leve domingo. Os sinos da igreja tocavam a última chamada para a missa. Na extensa rua que se estendia desde o aterro até a orla dos mangues do Valadão, surgiam famílias expondo nos vestidos de seda o derradeiro esplendor de um luxo que se extinguira [...]. Velhos, de fraques históricos, discutiam os destinos da pátria e o valor dos estadistas, marchando a passo lento e grave no meio da rua. De espaço a espaço, nas calçadas, formavam-se grupos que palestravam, sentados, tranquilos, baforando cigarros e olhando o movimento domingueiro. Nas portas das casas comerciais, estacavam comboios de burros, e matutos de alpercata e chapéu de couro apreçavam mercadorias num vozeirão cantado. E um estranho cheiro de rapadura, carne-de-sol, queijo e suor de alimária rescendia em cada esquina (p. 66).

Em clima domingueiro, o tempo – “oito horas da manhã de um límpido, leve domingo” – é usado como função espacial por apresentar o cenário. Através das descrições, ativamos os sentidos da audição, visão e olfato; o lugar adquire vida e a cidade é apresentada como imagem de espaço que predomina hábitos de uma cultura tradicional.

A presença da missa traz revelações além da religiosidade: o comportamento das pessoas em microprocissões, com aspectos de desfiles pela exibição das vestimentas pelas ruas a caminho da igreja, principal trajeto percorrido. É possível percebermos que, para essas pessoas, ocupar um espaço numa manhã de domingo, seja na missa ou na feira, “constituem excelentes indicadores de sua posição no espaço social” (BOURDIEU, 2013, p. 02) dentro do espaço físico.

O movimento da feira domingueira torna visível uma das principais atividades econômicas da cidade: o comércio. Essa atividade é responsável pela presença dos comboieiros (vindos de outras cidades da região com mercadorias a serem vendidas e

trocadas) e dos repentistas com seus pregões. A frenética agitação aponta a mistura entre animais e alimentos, explicitando alguns: a rapadura, a carne-de-sol e o queijo que simbolizam a culinária sertaneja. Embora Macau esteja no Litoral Norte do estado, percebemos forte influência da cultura sertaneja pelo fato de a cidade está próxima a outras cidades do eixo central potiguar, tais como Assú e Angicos. Nesse sentido, a presença do espaço no excerto selecionado nos aponta para além das questões sensoriais; há aspectos culturais e gastronômicos. Em outro momento, a narrativa retoma a presença da feira a partir da ótica do protagonista:

E, ali, ao ver a excessiva agitação de animais e de homens, percebeu que era domingo e que a feira atingia, àquela hora, o seu maior movimento. José Ribeiro, na sua casa comercial, deveria estar numa furiosa azáfama, arregaçado, suado, ativo, atento à enorme freguesia. [...] *Diminuía a marcha, observava o alvoroço da feira.* No imenso quadrilátero, seco, barrento, sem árvores, corria um surdo, contínuo burburinho, cortado aqui e além pelos gritos dos homens, os relinchos das alimárias, os estalidos dos longos chicotes de couro. [...] Pela alta calçada jaziam, esparsos, caçuás atestados de frutas, de queijos, de carne-de-sol, de rapaduras. E, sobre esse largo ruído domingueiro, repassavam mansamente as últimas lufadas do terral, e descia do céu nublado uma suave penumbra (p. 204 – grifo nosso).

Mais uma vez os sentidos são evocados: a audição e a visão orientam o leitor enquanto a caminhada é realizada por Aluísio, pois “[...] para que a personagem se movimente é preciso espaço e, conseqüentemente, é necessário que ela perceba esse espaço” (BORGES FILHO, 2007, p. 100). Ou seja, o espaço propicia a ação da personagem: “Diminuía a marcha, observava o alvoroço da feira”. De tal modo, a abundância de descrições ajuda a compreender a importância da feira como um evento marcante na dinâmica da cidade. E, outra vez, a mistura entre homens, animais e mercadorias é acentuada.

A dinâmica da cidade oscilava entre a tranquilidade e a agitação, entre uma maledicência e outra, um evento e outro. Um julgamento, por exemplo, representa intensa inquietação ao mesmo tempo em que apresenta alguns espaços da cidade, conforme verificamos no fragmento abaixo:

Toda a cidade vinha comentando, havia dois meses, esse decisivo, estupendo duelo jurídico. *No bilhar do Zezinho* faziam-se apostas entusiastas entre rapazes; *no Mercado* já houvera discussões ferozes com ameaças de bofetadas; o Delegado de Polícia prendera uma noite um sujeito esquentado do *Alagamar*, que prometera uns tabefes ao Theotonio, depois do júri; e até do *sertão* acorriam matutos letrados,

na expectativa do torneio oratório. [...] E nas vésperas do prélio terrível a *cidade inteira* flamejava, vibrava de emoção! (p. 91 – destaque nosso).

O evento citado é decisivo no romance e provoca alteração não só na rotina de Macau, mas também em outras cidades do sertão do estado, observando assim a influência de Macau nas cidades circunvizinhas. A partir desse evento, o leitor terá contato com um importante espaço de sociabilidade da cidade: o bilhar do Zezinho. Espaço de jogo da aristocracia macauense, apresentado como um ambiente em que tudo se discute, inclusive o pleito judicial com direito a apostas acirradas.

O pleito acontece na Intendência (órgão que abrigava o poder executivo municipal – a prefeitura para os tempos atuais), a qual funcionava em um casarão de arquitetura colonial que acolhia várias repartições públicas:

O casarão da Intendência Municipal era um velho sobrado cor-de-rosa, retangular, de clamorosa sobriedade arquitetônica, *plantado bem no centro da cidade, na rua da frente, com a fachada para a Praça da Igreja*. No andar térreo funcionavam diversas repartições públicas, o Quartel da Polícia e a Cadeia. O andar superior era todo ocupado pela Intendência, que cedera, desde os tempos monárquicos, à Justiça do Estado, *o seu melhor salão* para as audiências dos magistrados e as sessões do Júri (p. 101 – destaque nosso).

A fundação do casarão nos leva a outros tempos históricos e políticos do país (Monarquia). As descrições de sua boa localização física, “plantado bem no centro da cidade, na rua da frente”, reforça o espaço social que este prédio ocupa. Observamos que nessa edificação, os espaços são organizados conforme o *status* social dos ocupantes, uma vez que no térreo está a cadeia e “o seu melhor salão” é destinado aos magistrados. Em algumas cidades, no período colonial, prédios nesse formato são nomeado por “Casa de Câmara e Cadeia”. Aqui, “o espaço apropriado é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e provavelmente sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida” (BOUERDIEU, 2013, p. 135); a “simples” qualificação e hierarquização do espaço notabilizam essas práticas.

Na ocasião do julgamento, o prédio ficou lotado e as pessoas que assistiram trajavam as vestimentas mais luxuosas; o auditório representava “a essência intelectual e social da cidade” (p. 103). Com a vitória do bacharel, não só a cidade, mas a região continua em total agitação:

[...] das salinas até o Valadão; das Umburanas até a praia do Alagamar; pela imensa várzea do Açú e pelos tabuleiros e caatingas do rio Salgado – o sucesso oratório do Promotor da Comarca empolgava toda gente e repercutia de casa em casa e de fazenda em fazenda, num retumbante estridor de apoteose.

No bilhar do Zezinho, no Mercado, nas repartições públicas, nos estabelecimentos comerciais, corriam exaltadas palestras sobre o considerável acontecimento (p. 107).

Na descrição acima, os espaços tanto dão conta das regiões salineiras e rurais quanto urbanas que compõem a dinâmica de Macau. Além do bilhar do Zezinho, o mercado, as repartições públicas e os estabelecimentos comerciais são apresentados, os quais são considerados espaços que movimentam um pouco a economia da cidade, havendo de um lado os funcionários, e do outro os consumidores; como exemplo, o Empório Macauense, que acolhia “[...] todos os produtos da terra e do sertão, além das mercadorias importadas do Sul” (p. 139).

Desses espaços, há um destaque maior para o bilhar do Zezinho, por aparecer em vários momentos no romance. Ele é visto como estabelecimento de diversão, um espaço de sociabilização que desempenha lugar privilegiado no enredo e que perpassa toda a narrativa:

O bilhar do Zezinho tinha a forma antiga e simples de um grande armazém, caiado e cimentado em toda a extensão do seu único pavimento. No vasto salão existiam dois bilhares, um cabide de ferro, cadeiras de junco ao longo das paredes e duas mesas pequeninas para os jogadores de dama e dominó. Iluminavam-no três candeeiros de petróleo, pendidos do forro pintado de azul.

Além do salão havia, nos fundos da casa, um compartimento onde estavam prateleiras cheias de garrafas e copos, uma grande mesa oval e um lavatório de zinco. Era a sala – o Reservado, como era conhecido – dos jogos de baralho.

Único estabelecimento de distrações em toda a cidade. O Bilhar fora instalado havia doze anos, ao meio da rua principal, com a insípida fachada olhando para um trecho deserto que ia até a margem do rio, onde se construía o novo trapiche (p. 121).

Sobre o Zezinho, o enredo não fornece informações, mas o prédio (o Bilhar), de único pavimento, é dividido em dois cenários: o primeiro para os jogos de dama e dominó; e o segundo – O Reservado – para o jogo de baralho. O Bilhar, por mais de uma década, estava a ocupar o tempo dos macauenses com jogos, bebidas e conversações. Era nesse espaço que muitas das maledicências se espalhavam e tomavam proporções incontroláveis. À noite, quando o Bilhar fechava, restava o movimento das

salinas e o barulho praticamente se limitava aos agitações das embarcações, “a voz lenta e rouca do comando, a âncora precipitava-se na água quieta, num áspero rumor de correntes (p. 124)”.

3. Espaços de tensões sociais

Um dos espaços centrais da cidade romanceada é o Largo da Conceição que mantinha feição de lugar privilegiado, onde os maiores acontecimentos se passavam. Tal espaço era visado e objeto de desejo de moradia para algumas pessoas, sendo a ostentação do espaço físico apropriado uma das formas por excelência da ostentação do poder (BOURDIEU, 2013).

Partindo da tese do sociólogo francês, destacamos, no romance em estudo, o desejo de D. Angelina de sair de suas origens periféricas e ir morar no Largo da Conceição. Sua origem era a rua do Boi Choco, “[...] afastada do centro, ignorada, perdida entre a Lagoa e o Porto do Roçado, como um vil sobejo da cidade” (p. 115). Essa senhora, na adolescência, fez o pai “reunir as economias e comprar uma casinha vistosa e nova, no Largo da Conceição. D. Angelina exigira essa compra, impusera-a, reclamara-a desabridamente” (p. 115).

Ao conhecermos a personalidade de Angelina, entendemos que ela não queria somente mudar de moradia, mas, sobretudo, seu desejo maior era a busca de ascensão social e prestígio, pois se antes era tão obscura quanto à periferia onde morava, com a mudança de residência “deu também recepções, festejou datas natalícias, firmou relações no meio da gente elegante e rica” (p. 116). Entretanto, com o passar do tempo, mesmo permanecendo no Largo da Conceição, volta a ser socialmente imperceptível como antes.

Os seres humanos são agentes sociais construídos na e pela relação com o espaço social, se caracterizam socialmente pelo lugar físico que ocupam. Apesar de o espaço social tender a se retraduzir de maneira mais ou menos rigorosa no espaço físico, este não é determinante para o reconhecimento almejado em determinado espaço social. Faz-se necessário a posse de alguns capitais: profissional, cultural, intelectual etc. No caso de D. Angelina, estar em um lugar físico privilegiado da cidade não foi determinante para manter-se reconhecida socialmente. Ela passou a usufruir dos bens e serviços materiais que o espaço físico oferecia, mas não alcançou ascensão social. Ou seja, houve um deslocamento físico, mas não social. Por outro lado, ao mesmo tempo,

“a posse de um espaço físico [...] [pode] ser uma maneira de manter a distância toda espécie de intrusão indesejável” (BOURDIEU, 2013, p. 138). E isso D. Angelina alcança; se distancia “daquele sórdido meio onde nascera, com a sua gentalha, a sua pobreza, a sua imundície e as contínuas arruaças de ébrios” (p. 115).

Desse modo, percebemos que a ausência de capital simbólico acorrenta o sujeito a um determinado lugar. Ao mesmo tempo, segundo Bourdieu (2013), a posse do capital garante a quase ubiquidade que torna possível o domínio simbólico, o que é possível também observar no romance em estudo. A partir de um olhar no espaço físico e social ocupado por Aluísio, de origem abastada, filho do “Coronel” Edmundo, residente num espaço privilegiado da cidade, estudou em Recife, volta com a carta de Bacharel nas mãos e, apesar de a família está em falência financeira, o lugar social que ocupada não é alterado.

Retornando aos espaços em *Macau*, o Porto do Roçado, considerado subúrbio, região afastada do centro da cidade, merece atenção:

[...] às areias e aos casebres do Porto do Roçado, onde mulheres, homens, crianças, numa faina ativa, enchem nas cacimbas os barris d’água, que iam rolando pelos caminhos em direção à cidade. Das casas de palha, dispersas pelas baixadas dos morros, vinham gritos roucos de homens, choros de crianças, cantigas de mulheres – toda a algazarra do despertar de um enorme cortiço. Aqui e ali, reses magras aparavam alguma erva perdida, caminhando vagarosamente para os mangues de Umburanas ou para as pastagens agrestes de Conceição. Cabritos novos pinoteavam nos montes de areia. E espalhados por toda aquela aridez de dunas e alagadiços, apareciam, distanciados e tristes, mofumbos de folhas verde-claras e flores amarelas como pequenos cálices pendidos (p. 81).

Mais uma vez, o narrador nos apresenta o espaço da narrativa com abundância de detalhes. A descrição dessa região expõe a rotina de seus moradores e revela suas privações materiais, além da ausência de privacidade, chegando a ser classificado como um cortiço. A partir das descrições objetivas do espaço físico, nos deparamos com uma explícita divisão de classes sociais presentes em Macau. Vislumbramos no Porto do Roçado um atraso de desenvolvimento urbano, uma vez que a presença de animais soltos pastando e pinoteando mistura-se à rotina humana com naturalidade. Percebemos, então, níveis diferenciados de desenvolvimento em uma mesma cidade, estando os bairros mais periféricos em constantes tensões com os bairros mais centrais. A ficção de

Aurélio Pinheiro, no que diz respeito ao Porto do Roçado, nos faz lembrar a ficção de Aluísio Azevedo, no romance *O Cortiço* (1890)⁴.

Em contraste com o espaço insalubre, a natureza mostra-se resistente: “[...] por toda aquela aridez de dunas e alagadiços, apareciam, distanciados e tristes, mofumbos de folhas verde-claras e flores amarelas como pequenos cálices pendidos” (p. 81). A vegetação distanciada e triste – mufundos – em muitas regiões, como serviçais, é usada na cozinha do sertanejo ou na confecção artesanal de tijolo e de telha.

Apesar da insalubridade do local, o Porto do Roçado é o lugar eleito pelo chefe político, Oliveira, para construir um chalé em meio aos casebres:

[...] um chalezinho de palha branca, redondo como um quiosque, recortado, gracioso, sobressaindo com um garbo risonho entre as pobres casinhas que o circundavam à distância, com achatada, submissa humildade.

Mesmo de longe adivinhava-se no esquisito chalé o conforto, a vaidade e o sossego feliz de algum sibarita extravagante que pretendesse espantar os homens com uma originalidade sensacional e fácil. Cercava-o um gradil de junco onde se entremeava um jasmineiro, e dentro, entre o gradil e a casa, roseiras, craveiros, papoulas apontavam alegremente, florindo. Gaiolas de pássaros raros pendiam do alpendre lateral, e um enorme gato Angorá dormia serenamente sobre um banco vermelho (p. 81-82).

O chalé do chefe político, elemento contrastante ao cortiço, não se harmoniza nem arquitetonicamente, nem socialmente por sobressair “[...] com um garbo risonho entre as pobres casinhas que o circundavam à distância, com achatada, submissa humildade” (p. 81). Os predicativos associados ao chalé adquirem referências positivas, enquanto os predicativos associados às casinhas adquirem referências negativas. Tais contrastes são representações do campo de poder que se refere Bourdieu (2000).

A escolha de Oliveira não se faz de maneira aleatória. Aos poucos, o narrador explicita a vaidade do político, e o leitor toma conhecimento de seus interesses, desde o gradil que circunda a área, o qual deixa transparecer um farto jardim com papoulas (flor

⁴ Em *O Cortiço*, há ênfase para descrições de cenas coletivas e de ambientes sórdidos, ao mesmo tempo em que a vida privada é exposta por não haver espaço de privacidade familiar. É bem provável que os naturalistas influenciaram a prosa aureliana, uma vez que Aurélio Pinheiro escolhe Raul Pompéia como patrono na ocasião da criação da Academia Amazonense de Letras, em 1918. Segundo Américo de Oliveira Costa (2000), Aurélio recebeu também influências de Eça de Queirós. É possível confirmar tal influência com a escrita de uma crônica ao jornal *O Mossoroense*, ainda em 1910, dedicada a analisar o riso como marca psicológico, descrevendo os traços faciais de alguns intelectuais, entre eles está Eça de Queiroz (ROSADO, 2001).

abundante no hemisfério norte), até pássaros raros e um angorá (gato de origem turca). Com tais excepcionalidades, Oliveira pretende ostentar um gosto refinado, pois a personagem é adjetivada como um sibarita, o que permite conhecer a personalidade de um dos homens mais importantes da cidade. Céptico e elegante, sempre gostava de transmitir maneiras de um *gentleman*. Ao que nos parece, todas essas escolhas eram uma estratégia de mostrar capital simbólico através dos bens materiais, uma vez que não tinha capital simbólico intelectual.

Contudo, esse não era o espaço privado das decisões políticas; Oliveira tinha no centro da cidade a “[...] residência oficial, social e política, como ele próprio dizia [...] ficava no *andar superior* de uma grande casa de comércio, com vistas para o rio e para um trecho da Praça do Mercado” (p. 157 – destaque nosso). Ou seja, uma hierarquização do espaço físico para impor poder, ainda que nem sempre alcançado como o pretendido, tal como o observado no entorno de Angelina.

Assim, constatamos que o chefe político mantinha dois espaços de moradia: uma casa no centro da cidade e um chalé no Porto do Roçado. A casa da cidade era o espaço legítimo para as perversões políticas e para a reprodução do poder e dominação. Já o chalé, totalmente destoante em relação às demais moradias do seu entorno (barracas de palha) no Porto do Roçado, era o espaço das perversões libidinosas – reprodução de poder sobre as mulatas que habitam o local. Assim, Oliveira exerce poder simbólico sobre as mulatas, poder invisível que depende da cumplicidade daqueles que estão sujeitos, ou seja, a sujeição das mulatas (BOURDIEU, 2000).

5. Espaços de tensões modernizadoras

Macau, como uma cidade salineira, tinha intensa movimentação noturna em virtude da contínua circulação das embarcações. Conforme já apresentamos, em muitos momentos, Aluísio revela-se um sujeito solitário, com certa predileção pelas caminhadas noturnas e, nessas ocasiões, observa a cidade que não dorme, apenas parece adormecida, conforme o narrador apresenta:

Tudo parecia disperso, monótono, perdido numa estranha tristeza. [...] Nesses momentos, reagindo contra a horrível inércia que o prendia, atravessava as ruas, seguia pelo aterro, pensativo e distraído, deixando correr o pensamento no silêncio e na vastidão das salinas.

Mas ao fim de meia hora de marcha *começava a sentir imensa melancolia*. A mudez e a brancura daquele descampado, as sucessivas pirâmides de sal, o soturno compasso das asas dos moinhos, a dilatada solidão das lezírias levavam ao *seu espírito uma fria sensação de abandono e de morte* (p. 132 – grifo nosso).

No romance ora em análise, a descrição do lugar remete a aspectos negativos a partir dos devaneios de Aluísio que contemplava as pirâmides de sal durante o passeio noturno. Isso se confirma com o uso das expressões “começava a sentir imensa melancolia” e “seu espírito uma fria sensação de abandono e de morte”. Nessa particular rotina, em que “tudo parecia disperso, monótono, perdido numa estranha tristeza”, a cidade se encontrava em tranquilidade e as pirâmides de sal e as asas dos moinhos ganhavam vida. Assim, percebemos uma homologia entre o espaço descrito e os sentimentos da personagem, um espantoso mistério e solidão ao contemplar as salinas ao luar. Porém, essa calma nem sempre era alcançada pelo protagonista em sua rotina na cidade.

O Porto do Corão (região de salinas afastada da cidade) é um dos espaços em que perceberemos a tensão entre a vida urbana e rural a partir das reflexões de Aluísio, durante uma campanha eleitoral. Lá, o bacharel entra em contato com a harmonia gerada pela natureza e descobre no ambiente natural o refúgio para o caos instaurado na cidade e “seu espírito expandia-se alegre e forte, deleitado no bucolismo daquelas várzeas infinitas” (p. 211). Nesse espaço, o protagonista tem uma imensa vontade de permanecer, porque se sentiu excessivamente ligado, apesar “[...] da modéstia da casa, a grosseria da gente do povoado, a pobreza das refeições, a tristeza do vale em torno” (p. 212). Sobre isso, Candido (2000, p. 45) afirma que “bem ou mal organizado, não importa, ele [o campo] aparece como lugar de poesia e tranquilidade, em que as energias se retemperam e o espírito descansa”. Ou seja, a personagem encontra no campo o repouso para a inquietação presente na cidade, já que vivia constantes tensões pessoais e profissionais em Macau.

As sensações vivenciadas por Aluísio nos levam a perceber o contraste entre campo e cidade, que existe desde a Antiguidade e de lá para cá algumas concepções se consolidaram:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. A cidade associou-se à ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Diante dessas visões apresentadas por Williams, mesmo com as singularidades do campo e da cidade, cada um desses lugares guarda importâncias profundas para a humanidade e vivem em constante inter-relações concretas de interdependência, fato que constatamos no romance em estudo, conforme a passagem sugere.

De tal modo, voltando à campanha eleitoral, percebemos que o bacharel suspende, mesmo que momentânea, os interesses pragmáticos, uma vez que o espaço rural passa a ser visto como refúgio, vendo a cidade como um lugar incômodo. Nesse sentido, o silêncio, o repouso e a simplicidade o faziam esquecer a agitação e as maledicências em que o envolveram desde que retornou a Macau. Diante disso, a percepção do leitor incide sobre uma configuração tensa entre a experiência urbana e a experiência rural que o romance comporta. Vejamos na passagem a seguir:

– Todos nós temos, na alma, bem no fundo da alma, essa ignota predileção pelo mato; esse singular desejo do mato. É talvez uma partícula de herança que reponta em todos nós, de vez em quando, que desperta em nós, civilizados, a vaga lembrança da floresta e da gruta onde viveram os nossos avós. É o grito do sangue! Eu sinto que já vivi nesta solidão, há muitos séculos, quando o mundo era digno de ser habitado, quando a vida era forte e pura, quando a alegria, o trabalho, o amor e a felicidade viviam nos corações dos homens, e Deus baixava sobre a terra, fazia nascer as sementes nas searas, amparava os enfermos, abençoava as criancinhas, guiava, como um doce pastor, os homens de boa vontade (p. 212).

Aluísio conclui que quanto mais o homem evolui, menos humano e insensível se torna. Suas reflexões e necessidades de voltar ao princípio (homem primitivo) mostram de modo imperativo a necessidade de harmonia entre o homem e a natureza que é desfeita a partir de outros interesses humanos surgido, por exemplo, a disputa por poder, a ganância, a vaidade. O bacharel percebe que um alto nível de desenvolvimento nem sempre corresponde a um alto nível de humanização:

– Só hoje reconheço o erro da minha existência, e só hoje compreendo quanto é vil, odiosa, repulsiva, a minha carta de bacharel, essa carta que é como uma algema prender-me os braços, que deviam manejar a enxada ou a vara de ferrão. Quanto retrogradamos através dos séculos! Deus nos abandonou desde que fundamos as cidades e fomos viver no veneno das cidades. O grande pastor repeliu o seu grande rebanho que uiva e se estraçalha e geme sob o egoísmo, a inveja, a prostituição, as moléstias, a miséria, todas as dores físicas e morais. Que lúgubre erro o da minha vida! (p. 212-13).

Notamos no fragmento acima um descrédito à civilização moderna, um pessimismo social e religioso quando a personagem afirma que “retrogradamos através dos séculos! Deus nos abandonou desde que fundamos as cidades e fomos viver no veneno das cidades” (p. 213), o que, segundo Raymond Williams “a cidade era o que o homem havia feito sem Deus” (1989, p. 324).

O próprio bacharel faz crítica ao bacharelismo⁵ e vê o avanço das cidades como algo perigoso “fomos viver no veneno das cidades”. A cidade é rica e forte, “mas sua maldade é tão evidente quanto seu poder; sua culpa, tão clara quanto sua riqueza” (WILLIAMS, 1989, p. 320) e nela as leis são feitas para manter certas desigualdades. Com isso, vemos que o ponto de vista da personagem não é urbanista. Há um sentimento de integração com a primeira morada: o campo. Nessa perspectiva, encontramos uma visão pessimista sobre a cidade, denunciando as desarmonias presentes nas relações humanas nesses espaços desenvolvidos.

Percebemos em Aluísio uma tensão entre a experiência urbana e a experiência rural a partir do contato com o Porto do Corão durante o processo eleitoral, ao mesmo tempo em que busca um sentido mais harmonioso na existência campestre. Tais impressões nos levam às reflexões de R. Williams (1989, p. 70) quando afirma que “refugiar-se desse inferno [cidade] no campo ou na costa já é uma visão diferente do simples contraste entre vida rural e a urbana [...]. O campo fresco no qual o poeta se refugia não é o do agricultor, e sim o do morador desocupado”. Ou seja, a idealização do refúgio campestre não é rural, mas sim urbana. Com isso, observamos em Aluísio um estado de espírito complexo e dramático, “uma ênfase insistente na solidariedade humana justamente porque os obstáculos, as contradições, os mistérios são vistos com tanta clareza” (WILLIAMS, 1989, p. 315) durante seu contato com as pessoas do Porto do Corão.

Aluísio se sente sufocado com o presente vivido em Macau e sente a necessidade de uma volta ao mundo original “– Todos nós temos [...] essa ignota predileção pelo mato [...] É talvez uma partícula de herança que reponta em todos nós [...] a vaga lembrança da floresta e da gruta onde viveram os nossos avós” (p. 212).

⁵ Essa posição ao bacharelismo é estudada por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1995). O historiador aponta que a procura por essa profissão liberal, durante muito tempo no Brasil, contribuiu largamente para a busca de prestígio, ascensão social e, em muitos casos, para a obtenção de empregos públicos.

Talvez, aí esteja a representação de uma crítica a modernidade e a ciência, além de ser possível observarmos a influência que o Aurélio Pinheiro recebeu dos romancistas do século XIX, pois, segundo Candido (2000, p. 35) “os romancistas realistas e naturalistas padecem do sentimento agudo das desarmonias”.

Voltando à campanha eleitoral, o comerciante José Ribeiro apresenta pensamento oposto em relação ao espaço, pois ele está mais apegado ao ritmo utilitário da cidade, conforme verificamos na seguinte passagem:

Ficar aqui, Aluísio? Nesta horrível povoação? Neste mato? Justamente quando precisamos de você na cidade para a eleição? Mas isto é o lugar mais insípido, mais sórdido, mais feio do mundo! Só tem lama, e cobra, e mosquito, e água salobra, e poeira. É uma desgraça! É pior que o inferno! (p 212).

Há, na fala de José Ribeiro, certos estereótipos negativos associados ao espaço rural. Muitas vezes, esses estereótipos são como verdades absolutas, sendo a “vida rural vista como grosseira, desgraciosa ou simplesmente tediosa” (WILLIAMS, 1989, p. 76). Por outro lado, o bacharel sente-se bem: “Dr. Aluísio achava tudo excessivamente agradável. Nunca vira tanto repouso, tanto silêncio, tanta simplicidade, tanta doçura” (p. 212). Com esses posicionamentos opostos, podemos constatar que tanto a cidade quanto o campo estão sujeitos a valores diferentes conforme a concepção das pessoas que se relacionam nesses espaços.

Durante os discursos de campanha eleitoral, Aluísio “divagou, contou os destinos de todos os déspotas, citou a Constituição, as leis de Sólon e de Licurgo, o Código Penal, *Os Miseráveis*, *A Dama das Camélias*, os *Heróis* de Carlyle” (p. 214) enquanto todos o observava com admiração e inocência. Vemos, então, um “contraste retórico entre a vida urbana e a campestre é certamente tradicional [...] os contrastes entre ganância e inocência” (WILLIAMS, 1989, p. 69).

O advogado mostra-se preocupado com a vida dos salineiros, demonstra uma rejeição ao presente e um apego ao espaço rudimentar por considerar que só o contato com as origens liberta o homem da condição vil⁶. Isso porque, em sociedades pouco desenvolvidas materialmente, existe a capacidade de se melhor harmonizar homem e natureza. Nessa compreensão, a relação que o comerciante José Ribeiro tem com o

⁶ Na *Poética do Espaço* (1978) Bachelard destaca seu interesse pelos lugares felizes, que não são necessariamente espaços físicos; podem ter valores imaginativos e se caracterizam por atrair o sujeito por ele. E é justamente por isso que “as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios, que as moradias do passado são em nós imperecíveis” (BACHELARD, 1978, p. 201).

Porto do Carão é elucidativo. Ele apenas vê o aludido espaço como possibilidade ou trampolim para captação de votos em um processo eleitoral, mostra-se mais preocupado com o tempo “perdido” nesse lugar inexpressivo. Quanto ao que pensam o bacharel e o comerciante sobre o espaço simples dos salineiros, verifica-se que se trata de posições contrárias, e do contraponto de suas posições ecoam tensões entre a experiência do campo e da cidade.

O espaço da cidade, de modo geral, no sistema capitalista, por supostamente apresentar maior e diferenciado desenvolvimento social e cultural em relação ao espaço rural, pressupõe ser um ambiente civilizado, em que há progresso e pessoas de níveis de conhecimento e esclarecimento avançados. Entretanto, na literatura, de modo geral, e no romance em análise, essa ordem é questionada; o modelo de cidade como espaço civilizado nem sempre se concretiza porque o homem passa a ser conduzido pelos interesses do capital, pondo em choque as questões éticas, morais e o próprio desenvolvimento científico. A partir dessas inversões de valores, surgem as grandes tensões da humanidade: ações de barbaridade onde se espera harmonia. Por outro lado, no contexto atual, graças ao desenvolvimento de transportes, comunicação, dentre outros, o espaço rural já usufrui de muitos “privilégios” presentes no espaço urbano, graças ao processo de modernização que chega também às pequenas cidades e o contraste entre campo e cidade tende a diminuir.

Outro espaço que reflete uma tensão modernizadora presente na narrativa, e que consideramos importante, é o laboratório de Dr. Moreira (químico a serviço da usina de sal) que estava inserido na dinâmica de Macau. Esse espaço suscita reflexões sobre as tensões vividas pelo homem diante da modernidade. Instalado ao fim da cidade, próximo ao Aterro, o ambiente era repleto de livros, tubos de ensaios, vidros de drogas e de aparelhos em “[...] uma vasta mesa branca, ao meio do enorme salão” (p. 136). Nesse recinto, o químico passava a maior parte do dia dedicando-se às pesquisas e era indiferente aos acontecimentos da cidade:

O Dr. Moreira, metido no longo avental de trabalho, *prosseguia nas suas experiências*, entre os montes de livros e uma infinidade de vidros, de instrumentos, de drogas, de aparelhos que rebrilhavam [...]. Aí, junto à mesa, em frente a um considerável Tratado, o ilustre homem estudava serenamente. Defronte do grande livro, de pé, *curvado para aquela ciência que o esmagava e o fascinava com a força da sua profundidade e da sua verdade*, os seus olhos de míope percorriam as grandes páginas, tão cravados, *tão fixos naquele insaciado saber que nem percebia nem compreendia o mundo em torno* (p. 136 – grifo nosso).

A partir do laboratório é possível fazermos algumas conjecturas sobre seu proprietário, ou seja, o lugar conduz a ação do sujeito. Nessa direção, as ações do “ilustre homem [que] estudava serenamente [...] curvado para aquela ciência que o esmagava e o fascinava com a força da sua profundidade e da sua verdade” (p. 136), nos levam a enxergar, no romance, certos traços da objetividade cientificista do naturalismo. Porém, é possível também percebermos um olhar crítico do romancista a essa objetividade, ao dizer que o químico com seu “insaciado saber que nem percebia nem compreendia o mundo em torno” (p. 136), ao mesmo tempo em que se julgava “um urso, um selvagem; sempre nesta furna, longe do mundo e dos meus semelhantes” (p. 137); “julgava-se o mais egoísta e o mais desalmado dos seres!” (p. 223). Ou seja, intuímos um certo isolamento e ao mesmo tempo uma certa alienação da personagem, o que nos leva a dar vazão às reflexões de Raymond Williams (1989, p. 323):

A luta, a indiferença, a perda de objetivo, a perda de significado – elementos da experiência social oitocentista e de uma interpretação comum da nova visão do mundo proposta pela ciência – encontraram na cidade uma morada e um nome. Pois a cidade não é apenas, dentro dessa perspectiva, uma forma da vida moderna; é a concretização física de uma consciência moderna decisiva.

Na trama narrativa de *Macau*, a sabedoria e a indiferença do estudioso eram invejadas pelo chefe político, que tinha seu nome envolvido em muitas maledicências espalhadas pela cidade. Porém, o distanciamento do químico o deixa alheio a dinâmica social de Macau, proporcionando algumas situações de gafes nos seus poucos contatos sociais. Isso porque Dr. Moreira já vivera em espaços urbanos bem maiores onde, presumidamente, o anonimato, a impessoalidade e a perda de humanidade predominam, a exemplo (citados no romance) de São Paulo, Rio de Janeiro, Europa. Ou seja, o pesquisador sofreu influência de outros espaços que não estão descritos em *Macau*, mas que apreendemos essas influências a partir de suas ações na narrativa em análise. No entanto, fora para Macau a serviço da indústria salineira e não se harmonizara com a cena cultural da cidade provinciana, uma vez que já estava acostumado à solidão dos grandes centros. Desse modo, temos, talvez, um sujeito reificado, que o fato de já ter tido contato com espaços mais urbanizados, desenvolvidos, se preocupa mais com os resultados de suas pesquisas do que com o bem-estar das pessoas em seu entorno. O ritmo de vida do químico era regido pelo tempo:

O tempo é o maior dos traidores, a mais mentirosa das concepções, o carrasco sombrio que não perdoa. Durante esses dias que fugiram, que desapareceram misteriosamente, o meu trabalho, os meus estudos, as minhas experiências foram tão insignificantes como as de um homem que andasse nas trevas, apalpando e sofrendo. Não fiz nada, não resolvi nada, não descobri nada. Li os mestres, segui as ideias dos mestres, tive dúvidas que me entristeceram. E nunca o tempo foi suficiente para a minha pobre tarefa de estudante (p. 224).

A citação sugere que a fala do químico reflete certo sentimento de angústia. Trata-se de um pesquisador que se fecha em seu laboratório, sacrifica a própria vida em função de pesquisas que certamente oferece resultados significativos para a sociedade, conforme o próprio romance apresenta: “– Tem magnésia demais. Os exames químicos do Dr. Moreira demonstraram esse inconveniente. Por isso, em vez de conservar estraga tudo. (p.70).

Por fim, Moreira revela-se um ser portador de uma sabedoria inigualável em Macau, mas um sujeito isolado. Se colocarmos em confronto a postura de Aluísio e Dr. Moreira em relação a cidade, também se percebe posições contrárias. Apesar de ambos terem vivido experiências em lugares desenvolvidos (Aluísio estudou direito em Recife; Moreira frequentou espaços de centros científicos), o bacharel sente a necessidade de volta aos arquétipos da natureza; o químico se prende aos resultados de suas pesquisas e se perde no espaço e tempo em que vive.

5. Considerações finais

Na tentativa de mapear alguns espaços presentes na Macau romanceada, de Aurélio Pinheiro, foram apresentados elementos que compõem a rotina da cidade, seja a partir do narrador ou de suas personagens principais. Os lugares citados no percurso do enredo, os movimentos das personagens, os cenários, dentre outros aspectos, formam um álbum abrangente de vários espaços físicos e sociais. Esses elementos, ora revelam uma cidade pacata, ora revelam uma cidade dinâmica, uma vez que diferentes espaços produzem diferentes modos de representação. Os moradores do Porto do Carão e do subúrbio também estão presentes no romance e manifestam suas condições de subdesenvolvimento à margem da cultura urbana presente na maior parte do enredo.

Com isso, foi possível observar a relação do espaço com a vida íntima e coletiva vivenciada pelas personagens, bem como no âmbito cultural e natural.

De acordo com a análise realizada sobre o romance *Macau*, tendo como categoria analítica questões espaciais e suas implicações psicológicas, íntimas e sociais, podemos dizer que se trata de um romance com predominância do espaço realista, considerando que a obra apresenta semelhança “à realidade cotidiana da vida real [...]”. Tal estratégia narrativa confere ao enredo maior verossimilhança” (BORGES FILHO, 2008, sem paginação).

Ambientes como o Bilhar do Zezinho, apresentado como um dos poucos espaços de divertimento, revelam em Macau certo provincianismo. Porém, em virtude da indústria do sal no início do século XX, a cidade ganha dinamismo e potencial econômico, a ponto de ter um laboratório químico, particularizando certo desenvolvimento.

O espaço urbano é colocado em processo de desenvolvimento, uma vez que as intrigas denunciam os jogos de interesses políticos e de poder, conforme a sistematização do pensamento crítico de Bourdieu (2000). Nos foi possível percebermos que os campos econômicos, intelectual, etc. interferem na dinâmica do espaço denunciando situações de poder e “constituem excelentes indicadores de sua posição no espaço social” (BOURDIEU, 2013, p. 02) dentro do espaço físico. Segundo Bourdieu (2013), a posse do capital garante a quase ubiquidade que torna possível o domínio simbólico, o que é possível também observar no romance em estudo.

Ao mesmo tempo, podemos observar uma representação crítica à modernidade, no que tange ao registro das tensões vividas por Aluísio em suas experiências com os espaços urbanos e rurais, uma vez que ele questiona a primazia de civilização na cidade onde há “o egoísmo, a inveja, a prostituição, as moléstias, a miséria, todas as dores físicas e morais” (p. 213). Para R. Williams (1989), reconhecer os contrastes entre campo e cidade é uma das maneiras de adquirirmos consciências das crises da sociedade, talvez seja esta a aposta do romance *Macau*, talvez seja este o testemunho dado por Aurélio Pinheiro através de sua trama ficcional.

Possivelmente, as descrições referentes aos espaços estão associadas às lembranças e experiências vividas pelo escritor durante o período que clinicou em Macau e Areia Branca, o que se confirma com os nomes das ruas, bairros, praças e repartições que correspondem aos nomes da cidade real, como, por exemplo, o Largo da Conceição, que até hoje é um lugar de referência na cidade.

Nesse sentido, Aurélio Pinheiro, com a escrita do romance, contribuiu para colocar *Macau* na cena literária brasileira, uma vez que a cidade Macau já se encontrava na cena econômica como uma das maiores produtoras de sal do país.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Scipione, 1995.
- BACHELARD, Gaston. *Os pensadores: A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. Joaquim José Moura Ramos (et al). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- _____. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. *Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. Espaço físico, espaço social e espaço apropriado. In: *Estudos Avançados* 27 (79), 2013, p. 133-144. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a10.pdf> (acesso em 05 de outubro de 2019).
- CANDIDO, Antonio. Entre Campo e Cidade. In: *Tese e antítese: ensaios*. 4ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000, p. 29-56.
- COSTA, Américo de Oliveira. Tentativa de estudo crítico e biográfico. In: PINHEIRO, Aurélio Waldemiro. *Macau*. Natal: Edufrn, 2000.
- DANTAS, Hélio. *Memória de Macau*. Natal: Santa Maria, 1998 (Coleção Cultura, n. 8).
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Paulo Sérgio Rouanete. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-19.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura com provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Nestor. *Municípios do Rio Grande do Norte: Macaíba, Macau, Martins e Mossoró*. IHG/RN, vol. 35/37 (1ª Ed. 1941), Coleção Mossoroense, Série C, vol. DXCIX, 1990.
- MORAIS, Marcus Cesar Cavalcanti de. *Terras Potiguaras*. Natal (RN): Editora Foco, 2004.
- PINHEIRO, Aurélio. *Macau*. Natal: EDUFRN, 2000.
- _____. “Salinas do Nordeste”. *Eu sei de tudo*. Rio de Janeiro, maio de 1934.
- ROSADO, Vingt-um; VASQUE, Josetine. *Aurélio Pinheiro e Mossoró*. Fundação Vingt-Un Rosado; Coleção Mossoroense, Série C, Volume 1194, outubro de 2001.
- WANDERLEY, Rômulo C. *A geografia potiguar na sensibilidade dos poetas*. Ensaios, “Coleção Henrique Castriciano”, Natal, 1962, p. 61.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.